

TARECOS

Quando se vasculham gavetas há muito tempo não abertas e escaninhos há anos não explorados, quer por se ter voluntariamente escolhido mudar de casa, quer por imposição da cruel pandemia, corre-se o agradável risco de encontrar tarecos há anos esquecidos, que nos avivam antigas lembranças e nos fazem sorrir, tantas são as transformações ocorridas com o passar dos tempos.

Aconteceu comigo, nestes dias frios de inverno, no trabalho de desmonte da ampla casa onde morávamos, eu e a esposa, para o confortável apartamento onde nos encontramos agora, mais adequado às nossas condições de octogenários (meu Deus, que palavra sombria!). O que ocorreu foi que minha filha acabou encontrando, em pequeno baú esquecido em um canto da sala de estar, um grosso volume de manuscritos devidamente encadernado e por isso mesmo bem conservado.

Logo percebi do que se tratava. Era comum, nos saudosos tempos de ginásio, meados do século vinte, alunos solicitarem, em um caderno, que professores lhes escrevessem mensagens e, em outro, que os próprios colegas e amigos também lhes deixassem lembranças manuscritas, em geral poesias e textos curtos. O volume que agora tinha em mãos era o que minha esposa havia organizado para recordações de amigos e colegas, e que agora reaparecia, íntegro e palpável, qual estivesse renascendo das cinzas de distante passado.

Folhei-o cuidadosamente e, diante de meus olhos, desfilaram nomes conhecidos de tantas pessoas com quem convivi naqueles idos, alguns que já sabia terem sido levados pela implacável “magra”, outros de quem já não conheço o destino e uns poucos ainda vivos e atuantes.

O que por primeiro impressionou-me foi a qualidade vernacular dos textos, detalhe revelador de que, então, havia cuidados mais aprimorados com a língua pátria. Mas não somente isso. O vocabulário usado pareceu-me bem mais amplo do que o dos jovens de hoje, o que permitia, logo percebi, uma concatenação de ideias mais adequada, com começo, meio e fim planejados de forma coerente. Até que descobri meus próprios escritos daquele tempo em que ainda não namorava minha esposa, mas já deixava transparecer meu grande interesse por ela.

Eram poemas, de vários autores, inclusive do inspirado Araújo Jorge, porém apenas aqueles bem comportados, uma vez que os outros, os “quentes e lúbricos”, embora os conhecesse, nem pensei em transcrever no tal caderno. Tudo manuscrito com caprichada letra cursiva.

E quando cheguei ao termo final de meu escrito, deparei com uma espécie de carta por mim escrita, datada de junho de 1956, portanto pouco mais de cinco anos antes de nos casarmos. Chamei no mesmo momento minha esposa e, enquanto a líamos, rimos tão alto que até minha filha, estranhando a algazarra que fazíamos, veio célere a fim de ver do que se tratava. Foi, constato agora, um texto perfeito para quem estava prestes a encetar namoro com a dona do álbum, o que de fato ocorreu e permanece até os presentes dias. Meu filho, que me deu o grande presente de vir dos Estados Unidos para meu aniversário de oitenta e quatro anos, afirmou que jamais havia visto uma “cantada” posta em termos tão delicados e românticos.

O pior de tudo é que ainda ontem mesmo caí na tentação de contar essas novidades a meu amigo Raimundo, aquele caiçara já mencionado várias vezes nestas crônicas. Sabem o que o danado propôs-me, na verdade tentando comprar minha aquiescência? *“Seu doutor, na hora em que eu tiver uma folguinha vou levar-lhe um robalo de uns dois ou três quilos que pesquei outro dia, já limpinho e congelado, e aí o senhor me mostra tudo, o tal livro e sua declaração de amor à dona Olga”*. Que “xereto” esse abusado Raimundo. Não vou mostrar coisa nenhuma. E você, caro leitor, mostraria se fosse com você?

Darly Viganó
darly.vigano@gmail.com